

A VIDA DE SANTO ALEIXO
contada pelo cego que o povo mais amou

MÁRCIA ABREU
UNICAMP

Ao longo das primeiras décadas do século XVI, um poeta cego, natural da ilha da Madeira, compôs autos, tragédias, romances e trovas, que lhe conferiram o título de “o mais conhecido e ainda hoje amado pelo povo”¹. Apesar de ter sido apreciado pelas classes populares portuguesas por quase quinhentos anos, pouco se sabe sobre este poeta chamado Baltasar Dias².

Contemporâneo de Gil Vicente, é tido como membro da “escola vicentina”. Apesar de a existência de uma “escola” ter sido objeto de polêmica entre a crítica especializada³, parece possível reconhecer convergências entre procedimentos empregados por Gil Vicente e por autores seiscentistas como Afonso Álvares, Antonio Ribeiro Chiado ou Baltasar Dias. O mais relevante ponto de contato é o fato de terem permanecido refratários à estética clássica. Preferiam escrever em versos de cinco ou sete sílabas, em estrofes de quatro a onze versos, com predominância das quintilhas e décimas sobre as demais. Não fazendo parte de suas preocupações atender ao princípio da unidade de tempo, espaço ou ação, compunham peças que tematizavam toda uma vida, passada no Oriente e no Ocidente, como é o caso do **Auto de Santo Aleixo**, de Baltasar Dias, que adiante analisaremos.

¹ BRAGA, Teófilo. *História da Literatura Portuguesa - escola de Gil Vicente e o desenvolvimento do teatro nacional*, Porto, Liv. Chardron, 1898.

² Pode-se obter alguma informação sobre Baltasar Dias em dois livros de Alberto Figueira Gomes: **Baltasar Dias - Autos, Romances e Trovas** (Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985) e **Poesia e Dramaturgia Populares no Século XVI - Baltasar Dias** (Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983), bem como em minha tese de doutorado: **Cordel Português / Folhetos Nordestinos: confrontos - um estudo histórico-comparativo** (Campinas, UNICAMP, 1993).

³ Cf. BRAGA, T. (*op. cit.*) e SARAIVA, A. J. *Gil Vicente e o fim do teatro medieval*, Lisboa, Publicações Europa América, 1965.

Se é praticamente nulo o conhecimento que se tem sobre a vida do cego da ilha da Madeira, muito pouco se sabe também sobre o conjunto de sua obra. Em 1537, o poeta requereu a D. João III o privilégio de ter exclusividade na impressão e venda de suas próprias obras⁴. O parecer real que lhe concede tal privilégio diz que “ele tem feitas algumas obras assim em prosa como em metro as quais foram já vistas e aprovadas e algumas delas imprimidas segundo podemos ver por um público instrumento que perante mim apresentou”. Apesar de serem mencionadas obras “assim em prosa como em metro”, chegaram aos nossos dias apenas oito de seus textos, todos em verso.

Dois deles são sátiras, em que o autor critica a sociedade da época, dando especial ênfase ao comportamento das mulheres, intituladas **Conselho Para Bem Casar** e **Malícia das Mulheres**. Baltasar Dias é também o autor de adaptações de romances europeus, que corriam em Portugal em edições castelhanas e francesas, conhecidos como **Tragédia do Marquês de Mântua**, **Auto do Príncipe Claudiano** e **História da Imperatriz Porcina**. Conservaram-se, ainda, três autos de sua autoria, o **Auto do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo**, o **Auto de Santa Catarina** e o **Auto de Santo Aleixo**.

Concentraremos nossa atenção sobre este último, um dos mais apreciados e interessantes textos do autor, do qual se conhecem dezoito edições, impressas a partir de 1613. É bastante provável que esta não seja a data da primeira publicação, uma vez que o poeta viveu no início do século XVI e tinha como única fonte de renda a venda de seus textos impressos⁵. Possivelmente, houve desaparecimento de edições, não só pela força do tempo, mas também pela ação da Censura, que, em 1624, decretou grandes cortes no texto da peça.

Este auto narra a vida de Santo Aleixo, já bem conhecida na Europa, na época de sua publicação por Baltasar Dias. A lenda, que parece ter se originado na Síria, está registrada nos **Acta Sanctorum** do dia 17 de julho. Conhece-se também uma **Canção de Aleixo**, transmitida no século XI, por vários manuscritos em francês arcaico⁶. Sequer em Portugal o auto de Baltasar Dias é o único a narrar a

⁴ O documento, pertencente ao acervo da Torre do Tombo (livro 23, folha 17), está reproduzido integralmente em minha tese de Doutorado (*op. cit.*).

⁵ Diz a “Carta de Privilégio para Impressão de Livros”, concedida por D. João III a Baltasar Dias: “ (...) ele tem feitas algumas obras assim em prosa como em metro as quais foram já vistas e aprovadas e algumas delas imprimidas segundo podemos ver um público instrumento que perante mim apresentou e por quanto ele quer ora mandar imprimir as ditas obras que tem feitas e outras que espera de fazer por ser homem pobre e não ter outra indústria para viver por o carecimento de sua vista se não vender as ditas obras (...)”.

⁶ Cf. AUBERBACH, E. *Mimesis*, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1987.

história de Aleixo; segundo André Crabbé Rocha, existe uma **Vida de Santo Aleixo**, conservada em um manuscrito alcobacense, além de uma versão em prosa, registrada no **Livro da Virtuosa Bemfeitoria** do Infante D. Pedro⁷. Apesar da profusão de versões disponíveis, Baltasar Dias parece ter sabido trabalhar o tema de forma a atingir a sensibilidade de seu público, compondo um clássico da literatura popular portuguesa.

A peça tem início quando o Imperador de Roma, preocupado com a ausência de um sucessor para o trono, pede a Eufemiano, pai de Aleixo e senador romano, que concorde em casá-lo com sua única filha, Sabina. O Imperador tece longas considerações acerca das inconstâncias do destino, no mesmo sentido das preocupações camonianas expressas no conhecido soneto “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”. Diz o Imperador:

Os bens deste firmamento
não estão sempre num ser,
que se mudam como vento;
e vemos que num momento
vem o pesar e o prazer.
Ao que está atribulado
se lhe muda em alegria
e às vezes em mal dobrado;
e quem vive sem cuidado
tem tristeza e agonia.
Assim que permanecer
não vemos coisa nenhuma;
portanto, meu parecer
é que não se deve ter
no mundo esperança alguma.

Esta fala serve como um prenúncio do que virá depois do casamento, que, a princípio, parecia um bem supremo, unindo duas poderosas famílias e garantindo a todos a realização de seus desejos; os pais de Aleixo têm o herdeiro do império romano como filho, Sabina tem um marido, seu pai tem um sucessor. Entretanto, todos estes planos são frustrados uma vez que Aleixo, depois de consumadas as bodas, comunica a sua noiva que

⁷ ROCHA, A. C. **Auto de Santo Aleixo de Baltasar Dias**, Coimbra Editora, 1952.

muito bem é, em verdade,
o que bem casado é;
mas melhor é castidade,
que Deus ama virgindade
como mui claro se vê.

e parte para Jerusalém a fim de visitar os lugares santos.

Já fora de Roma, encontra um pobre rezando. Além de uma oração, a fala deste homem anuncia os desejos do próprio Aleixo (“Riqueza não hei mister,/ porque eu pobre nasci/ e pobre hei-de morrer;/ não quero, Senhor, de Ti/ senão poder-me sofrer.”). O filho do senador propõe que troquem suas roupas, como que incorporando a pregação que acabara de ouvir, despojando-se, concretamente, de sua vida anterior.

Neste momento, a ação volta ao palácio do Imperador onde as famílias reúnem-se e decidem ir à câmara dos noivos cumprimentá-los. Todos espantam-se ao encontrar Sabina sozinha e, ao saber do ocorrido, tomam-se providências a fim de encontrar o noivo. Não acham o filho de Eufemiano mas o pobre vestido com as roupas que Aleixo “nas bodas trazia”. Levam-no à presença do Imperador pois julgam que ele teria roubado as vestes. É através do pobre que os familiares ficam conhecendo as intenções de Aleixo pois ele lhes conta que o viu

com o joelhos no chão
os olhos postos nos céus,
louvando contínuo a Deus,
chorando com contrição.
Depois, senhores, o vi,
pedindo com outros pobres,
e eu logo me parti

Sabina e Aglais, mãe de Aleixo, rompem em choros e lastimações, julgando-se as mais infelizes das criaturas. Eufemiano, mais prático, diz que a situação não é para lamúrias e prepara novas diligências com o intuito de encontrar o filho.

Depois deste episódio, a cena retorna para onde está Aleixo, que reza a Deus para que o livre da tentação. Neste momento, aparece-lhe o Diabo “em figura

de pobre”⁸, trazendo novas de Roma. “Se há novas que contar / peço-vos que mas digais”, pede-lhe Aleixo. O Diabo conta-lhe, então, sobre um moço “que Aleixo tinha por nome” que por seu casamento iria herdar “todo o universo mundo”, mas que fugira na noite de núpcias. Além de perder a herança, o jovem havia precipitado o império em guerras que, certamente, surgiriam no momento da sucessão, pondera o Diabo. Ele diz também que Aleixo “dará conta a Deus / (...) / quando for nos altos Céus, / por essa causa que os seus / hajam fim tão desastrado.” E não acabam aí os efeitos da atitude de Aleixo; o Diabo o culpa também pela sorte de Sabina, que, ao ver-se abandonada,

mandou logo apregoar
por toda aquela cidade
que quem a quiser gozar
que ela não se há de negar
a homem de qualidade

e até ele “assim pobre e de má graça” também pecou com ela. Para terminar sua provocação, o Diabo sintetiza a situação de Aleixo:

Coitado do pecador
pois que tanto bem perdeu;
perdeu de ser grão senhor,
perdeu a dama melhor
que nunca em Roma nasceu

“Aqui se vai o Diabo e fica espantado Aleixo”. Mais duas vezes o Demônio vai tentar o penitente. Na primeira delas, aparece “em figura de caminhante”, e novamente conta a Aleixo sua própria história, enfatizando desta vez a questão da riqueza (pois “todo pobre é desonrado / e ninguém é acatado / senão aquele que tem”) e da castidade:

Disse Deus: pela mulher
deixará o homem o pai
e quantas cousas tiver

⁸ É curioso imaginar como seria encenada a rubrica: “Vem o Diabo, para tentar, em figura de pobre”. Como seria caracterizado um “diabo em figura de pobre”? Um demônio, com chifres e rabo, vestido de pobre? Os sinais empregados para que o público identificasse aquele pobre como sendo o diabo não são referidos no texto.

irmãos, amigos e haver
e assim também sua mãe.
Disse mais: multiplicai,
crescei e enchei e a Terra
fazei filhos e casai.
o que contra isso vai
muito gravemente erra.

Mais uma vez Aleixo fica atônito e, sem resposta para as questões colocadas, principia uma oração pedindo a Deus que o livre do pecado, sem qualquer relação ou qualquer referência com as questões que o Diabo havia apresentado.

Pela terceira vez, o maligno procura Aleixo, desta feita “em figura de Cortesão”. Novamente questiona os voos do penitente tecendo considerações sobre a situação do mundo onde só os ricos são respeitados e conta-lhe, uma vez mais, a história de um certo jovem que abandonou a esposa na noite de núpcias, fazendo com que ela se tornasse uma mulher de amores fáceis. Apesar de a história ser a mesma, agora o Diabo tem um novo trunfo: um anel que fora dado a Sabina por Aleixo na noite do casamento — o Diabo, com suas artimanhas, havia conseguido que a própria filha do Imperador lhe desse o anel. Neste momento, Aleixo perturba-se, mas ainda é o demo que fala por ele:

Dize-me, amigo, que hás?
que sentes? de que te queixas?
quem és tu? onde vás?
ou porque tornas atrás?
e o teu caminho deixas?
Sei que te achas mal sentido
e queres ir à cidade;
se tu nela és conhecido
eu te darei meu vestido
por haver de ti piedade. (grifos meus)

O Diabo percebe que o penitente está prestes a voltar atrás, a abandonar suas convicções e mudar o curso de sua vida. Propõe que troquem suas roupas, num retorno simbólico ao momento em que Aleixo deu suas vestes ao pobre — note-se que o Diabo vem, neste momento, em figura de cortesão, ou seja, representando a posição que Aleixo ocupava quando principiou sua peregrinação. Mas ele não tem chance de decidir ou responder às questões feitas pelo maligno pois, rapidamente,

surge um Anjo que lhe ordena: “Está da parte de Deus” e conta-lhe que as três pessoas com quem se encontrara eram o Diabo, tentando afastá-lo da salvação. Entretanto, só esta explicação não bastaria pois o que realmente tocara Aleixo fora a possível infidelidade de Sabina; portanto o Anjo lhe diz:

não te engane nem te agaste
este inimigo cruel,
que tua esposa é fiel
e virgem como a deixaste
(...)
Eu te rogo, amigo meu,
que o falso dizer seu
não te queira demover,
porque quanto te dizia
de tua tão casta esposa
mui falsamente mentia,
porque está hoje em dia
mui casta e mui formosa

Tudo isso ocorre sem que Aleixo pronuncie uma única palavra. Ele segue para Jerusalém, a fim de visitar os lugares santos. Apesar de esta visita ser o motivo desencadeador de toda a trama, apenas três estrofes são reservadas a este aspecto: Aleixo “como que visita os santos lugares” e apressa-se em dizer que “por da vanglória fugir / quero-me a Roma tornar / que já tardo em não ir”.

Volta à casa paterna mas mantém-se incógnito. Recusando as atenções que lhe são dadas, passa a viver sob o vão de uma escada, alimentando-se apenas de pão e água. Muitos anos depois, um Anjo aparece, anunciando que sua morte está próxima. Desejoso de revelar sua identidade, pede papel e tinta a um camareiro que faz um curioso comentário acerca do valor da instrução:

Triste de ti, pecador,
sabes ler e escrever
e jazes em tal fedor!

E, mais uma vez, Aleixo vê questionada sua opção de penitente:

Não sabes que o Redentor
que não quer do pecador
senão só arrependimento?

Se Deus perdoou a Adão
e quantos Ihe hão feito ofensa,
foi mais pela contrição
de contínuo coração
que não já pela pendenza.

“Enquanto isto diz escreve Aleixo a carta e andam por cima da escada e deitam cisco”. Percebe-se que ele, novamente, não teve resposta para as dúvidas em relação a sua atitude. Limita-se a escrever sua carta-biografia e morrer.

Um Anjo aparece para o Papa e o encaminha a casa de Eufemiano onde está acontecendo algo de sobrenatural: uma claridade estranha ilumina o pátio e os sinos batem sozinhos. O Papa, quatro cardeais, o Imperador, a Imperatriz, o Senador, sua esposa e Sabina dirigem-se ao local de onde provém a luz. Ali percebem que se trata do peregrino que havia morrido segurando uma carta. Todos tentam pegar o manuscrito mas a mão do morto mantém-se fechada até mesmo para o Papa — nas versões tradicionais, a carta é entregue ao Pontífice. Baltasar Dias, introduzindo uma significativa modificação, faz com que Aleixo entregue o papel apenas quando Sabina dele se aproxima. Ela entrega a carta ao Papa que a lê, revelando que aquele pobre penitente era, na verdade, Aleixo, o que lança todos em profunda dor e grandes lastimações. O Papa decide “com grande honra o enterrar”. “E fenece a obra, em louvor de Deus”.

Neste auto, percebe-se que cada personagem ocupa um espaço bem definido, desempenha um papel claramente delimitado. O Imperador representa e defende a lei e a ordem terrenas, o poder político, a autoridade do Estado. Eufemiano e Aglais representam não só a autoridade familiar mas também a autoridade de classe, pertencem à nobreza, privam de intimidade com o Imperador e com o Papa. Aleixo sabe respeitar estas “ordens” e, para acatá-las, aceita casar-se. Com isso, reforça os laços de classe que unem sua família ao Imperador, mantém o poder do Estado, garante a sucessão ao trono e dá uma alegria a seus pais. A Sabina, cabe simbolizar o poder do corpo, o poder sexual: é bela e jovem; é aquela com quem Aleixo pode desfrutar os prazeres terrenos dentro da ordem estabelecida, com o consentimento do pai, do Imperador e do Papa, pois é esposa. Diz Eufemiano a Aleixo:

Visitai vossa esposa
pois que sois já desposados
olhai como está fermosa
não he cousa vergonhosa
pois que Deus vos fez casados.

Apesar de ser legítimo atender a este apelo — afinal é Deus quem os está autorizando através da instituição do casamento — Aleixo está vinculado a uma outra ordem, que o faz abandonar todos os privilégios a que tem direito — riqueza, poder e prazer. Aquilo que lhe é mais custoso negar parece ser o apelo sexual; na câmara nupcial chama Sabina de “esposa de Jesus Cristo”, colocando-se na mesma posição do Filho de Deus uma vez que ela é, verdadeiramente, *sua esposa*. Declara ali sua intenção de ir visitar os lugares santos, abandonando-a na noite do casamento e encarnando o papel do penitente.

Passa a defender, então, ideais espirituais do homem medieval: castidade, penitência, renúncia à riqueza, ao luxo e à vida fácil que sua condição de nobre lhe asseguraria. Não é pouco o que ele abandona, o que torna ainda maior seu ato. Uma vez tomada sua decisão, uma vez percebido o caminho que conduz à salvação, Aleixo não hesitará, apesar de existirem poderosas tentações buscando desviá-lo da trajetória estabelecida. A hesitação, a dúvida sobre a correção do caminho escolhido, serão trazidas à baila pelo Diabo.

Ao contrário de Gil Vicente, que coloca em suas peças múltiplos demônios, Baltasar Dias apresenta um único e curioso Diabo que se desdobra em três: um pobre, um caminhante e um cortesão. Ele é diferente de todos os demais personagens; enquanto estes estão certos sobre suas posições e as defendem intransigentemente, ele traz a dúvida, o questionamento. Nenhum dos personagens é visto refletindo sobre suas próprias atitudes. Dentre eles, destaca-se Aleixo, que assume as mais sérias posições e enfrenta as mais pesadas provações sem esboçar qualquer reflexão sobre seus atos ou sobre as conseqüências advindas de suas atitudes. Ele adota a pobreza sem questionar a riqueza; a abstinência sem questionar o luxo e o esbanjamento da casa paterna. Submete-se aos dogmas e lições da Igreja Católica sem pensar. Seu mundo é fechado e pequeno. Nele só há uma questão fundamental — seguir ou não o caminho de Deus — e a resposta a esta questão já foi dada previamente; cabe ao homem apenas confirmá-la.

A dúvida, a hesitação, a reflexão, ausentes do comportamento humano, encontram espaço na figura do Diabo. Questões interiores são exteriorizadas para que possam ser discutidas. Em um mundo onde tudo está fixo, onde não há zonas nebulosas entre o bem e mal, Baltasar Dias consegue apontar incoerências e dúvidas em relação à ideologia religiosa vigente pela boca do Demônio.

Em sua primeira aparição, o Diabo aponta os problemas práticos que poderão advir em função da atitude de Aleixo. Por ocasião da morte do Imperador, o império será lançado em guerras devido à falta de sucessor, o que teria sido evitado se Aleixo tivesse permanecido em Roma, ao lado de sua esposa. Surge, então, a primeira contradição na opção de Aleixo: ele deseja servir e agradecer a Deus e, portanto, assume uma vida de penitente mas isso causará, provavelmente, muitas

mortes. O que, afinal, agrada a Deus, a renúncia e o abandono ou uma atitude responsável que permita a manutenção da vida e da ordem? Parece ser o que o Diabo tenciona perguntar. Este, entretanto, não responde às interpelações:

Que te parece, irmão?
Bem creio que nunca viste
no mundo tal perdição!
(...)
Pois não queres responder
fica-te muito à má hora
que não me posso deter.
É o que te queria dizer,
fica-te muito embora.

Aleixo o deixa sem resposta não porque estas questões não o atinjam e sim porque lhe é vetada a reflexão. Ele apenas “fica espantado”.

Em sua segunda aparição, o Diabo questiona o voto de pobreza, dizendo:

Digo-te certo, em verdade,
se Deus me dera riqueza
para fazer caridade
ninguém tivera pobreza,
porque agora — mal pecado! —
como tu sabes mui bem,
todo pobre é desonrado
e ninguém é acatado
senão aquele que tem
(...)
Uma coisa te quero dizer
que fez um homem mesquinho
de que espanto podes ter
e não o poderás crer
porque não leva caminho.

Este “homem mesquinho” não é outro senão o próprio Aleixo, que sendo “mui grande senhor / de grande riqueza e estado” negou-se a “fazer caridade”, aliviando a dura existência dos pobres — o que, ironicamente, o Diabo diz que faria. Nova contradição aflora: o que Deus quer? que se ajude ao próximo ou que se renuncie à riqueza?

Como da primeira vez, o Diabo levanta dúvidas também sobre a castidade, sendo extremamente engenhoso, pois tece sua argumentação, baseando-se na Bíblia. Deus disse aos homens: “multiplicai, / cresci e enchei a Terra; / fazei filhos e casai”

Também a Adão disse Deus:
crescerá tua semente
mais que as estrelas dos Céus;
de ti procederão os meus.
Como foi isto evidente!
Olha tu el-rei David
e seu filho Salomão
e Jacó no Génesis
que casou, segundo ouvi,
com duas filhas de Labão.

Antes deste momento, o Diabo falava sobre as conseqüências que o ato de Aleixo poderia ter, mas agora a contradição apontada se dá no interior dos textos sagrados: uma vida de penitente é incompatível com a maior obra de Deus, o homem, que deixaria de existir se todos decidissem adotar a atitude de Aleixo, mantendo-se castos.

Na terceira vez em que aparece, o Diabo apenas reforça os argumentos já colocados e apresenta seu maior trunfo: o anel dado por Aleixo a Sabina na noite do casamento, prova cabal de sua infidelidade — ponto central da pregação demoníaca. O Diabo ataca, em suas aparições, os três eixos fundamentais da opção de Aleixo: o poder político (com a possibilidade de guerras sucessórias); o poder econômico, de classe (com a possibilidade de amenizar o sofrimento dos pobres) e o poder do corpo, do prazer sexual (com a possibilidade de ter como esposa uma bela e jovem mulher, talvez levada à infidelidade por ter sido abandonada).

Aleixo, em momento algum, esboça uma resposta a estas questões, limita-se a balbuciar frases soltas sobre o poder de Deus. Quando ele parece ceder frente ao anel apresentado pelo Diabo, é um anjo que intervém e o reconduz ao seu caminho. Sua vida, seu destino, lhe parecem exteriores, sendo disputados por anjos e demônios sem que ele consiga pensar sobre o que acontece e se posicionar.

É interessante notar que o Diabo se apresenta, primeiramente, como um pobre, depois como um caminhante e, finalmente, como um cortesão. Ele se parece muito com o próprio Aleixo que carrega em si três “identidades”: ele optou por ser um pobre, um caminhante, mas fora, outrora, um homem da corte. São suas várias faces que lhe são apresentadas.

Este auto parece discutir as dificuldades que estavam colocadas para o homem que ainda vivia sob uma mentalidade religiosa medieval bem como aponta contradições da religiosidade oficial. Neste sentido, é importante saber que o Index de 1624 cortou grande parte das falas do Diabo, nas passagens em que ele questiona a castidade e aponta as conseqüências práticas da atitude de Aleixo.

Exceção feita ao Diabo, nenhum dos personagens parece ter dúvidas a respeito das posições que defende: o pai fala sempre a favor da manutenção do casamento; a mãe defende a proximidade do filho; Sabina quer seu marido perto de si; o Imperador busca um herdeiro. Aleixo, apesar de não colocar abertamente qualquer dúvida sobre sua opção de penitente, adota posições ambíguas. Ele poderia ter dito que não se casaria pois queria fazer o voto de castidade, mas ele se casa e depois decide ser virgem. Ele poderia ter continuado o resto de sua vida em Jerusalém, ou em peregrinação, mas decide voltar à casa paterna, entretanto não reassume seu lugar. Ele está próximo ao que é seu mas isto de nada lhe vale: é casado, vê sua esposa diariamente, mas não se coloca como marido; é filho, vê seus pais sofrendo mas não pode confortá-los e sentir seu carinho; é rico, está próximo de seus bens mas come pão e água e vive sob uma escada; é o sucessor, mas não pode interferir no curso das decisões que vê serem tomadas. Nota-se a dificuldade da opção: ele decide-se pelo divino mas não consegue distanciar-se completamente das coisas terrenas, o que acrescenta mais sofrimento e dramaticidade à sua decisão: ele está próximo de tudo, mas tem que se manter à margem.

O conjunto das posições expressas por cada personagem, sua coexistência num mesmo plano, numa mesma época, é o que gera o conflito expresso pelo Auto. Parece-me possível entender este conjunto, não como fragmentos isolados mas sim como desdobramentos de um único ser, o homem em conflito, pressionado por uma religiosidade atemorizante, censora e por demais interferente na vida cotidiana.

A peça transcorre e termina em impasse. Se, por um lado, Aleixo dedica sua vida a cumprir os ditames da religiosidade oficial, por outro, entrega seu mais alto bem, oferece seu maior reconhecimento, a Sabina, entregando-lhe sua cartabiografia, valorizando assim, simbolicamente, o poder sexual do corpo. Nas versões tradicionais, o Papa é o contemplado, o que confirmaria a opção religiosa. Uma vida de asceta que termina com a afirmação do poder e da importância das forças sexuais.

A versão de Baltasar Dias para o **Auto de Santo Aleixo** discute também uma questão que interessa particularmente aos portugueses, carregando consigo fortes ecos sebastianistas. Muito provavelmente, o texto foi escrito antes da anexação de Portugal à Espanha, entretanto é possível que o poeta tenha vivido os dramáticos acontecimentos que envolveram a vida e, talvez, até mesmo a morte de D. Sebastião e deve ter sentido a extraordinária penetração do sentimento

sebastianista junto ao povo. Sabe-se que a “crença sebástica” é anterior à existência do próprio D. Sebastião, tendo se iniciado em 1540 com as trovas do sapateiro Bandarra que falavam na vinda de uma espécie de salvador que iria redimir os problemas portugueses e instaurar um período de igualdade e felicidade. A vida de D. Sebastião e, principalmente, as condições em que se deu sua morte fizeram com que as interpretações das trovas identificassem no Rei o salvador. O apelo deste mito junto às camadas populares não termina com o fim de D. Sebastião, ao contrário, permace até a entrada do século XIX quando se percebe a força do sebastianismo como oposição às invasões francesas. No correr daquele século, o sebastianismo esvai-se enquanto crença na vinda de um salvador, entretanto permanece como tema literário e cultural, envolvendo autores tão importantes quanto Teixeira de Pascoaes ou Fernando Pessoa.

Desta forma, pode-se pensar que um dos pólos de atração do **Auto de Santo Aleixo**, que o fez apreciado ao longo dos séculos, tenha sido sua carga sebastianista. Muitas são as convergências entre as duas histórias.

Por ocasião de seu nascimento, D. Sebastião é chamado *O Desejado* pois seu avô, D. João III, então Rei de Portugal, já estava velho sem que houvesse um sucessor para o reino. A mesma situação está dada quando se acerta o casamento de Aleixo e Sabina. Na casa do Imperador, assim como em Portugal, são dadas graças aos céus pela dádiva recebida:

Praza Deus que esta folgança
por muito tempo a tenhamos
(...)
Deus seja sempre louvado
por lhe dar tal sucessor.

Entretanto, nos dois casos a expectativa é quebrada quando ambos decidem abandonar o Império/Reino pondo em risco a tranquilidade de todos, partindo sem deixar um sucessor e recolocando o problema inicial. Ambos partem numa aventura, preocupados apenas consigo mesmos, esquecendo-se dos deveres inerentes às suas posições. Aleixo diz a Sabina:

Pois esposa, a mim convém
ir-me de vossa presença
(...)
Seja com vossa licença,
porque quando eu tornar
eu terei tantos prazeres

que sempre possam durar
os quais vos hão-de alentar
mais que todos os haveres.

O que ele promete a esposa — prazeres infindáveis e duradouros após seu regresso — D. Sebastião prometia à nação. O plano do monarca era, ao menos aparentemente, levar o Cristianismo a todas as partes da terra⁹, devolver o prestígio internacional a Portugal e garantir o comércio em África. Entretanto, estes nobres objetivos foram questionados por muitos, que acreditavam ser seu propósito empenhar-se numa aventura de cavaleiro medieval dando vasão a seu desejo de bater-se em combate tornando-se um herói. É realmente duvidoso o desejo expansionista, porque D. João III, poucos anos antes, havia sido forçado a abandonar Ceuta, Arzila e o Cabo de Guer devido ao excessivo custo de sua manutenção. Mário de Castro¹⁰ questiona a atitude de D. Sebastião, não percebendo qualquer sacrifício em sua atitude e sim apenas vaidade e satisfação pessoal:

Ir à Africa não foi sacrifício, porque nisso se haviam polarizado obstinadamente os seus desejos; sacrifício teria sido casar, para deixar assegurada a continuidade dinástica e com ela a independência nacional que por sua morte ficaria, como os factos tristemente demonstraram, sob a iminência da absorção espanhola.

A crítica de Mário de Castro bem serviria para Aleixo que, além de vangloriar-se, no fim da vida, por ter podido conhecer todos os lugares santos, nunca pensou que talvez agradasse mais a Deus garantindo a paz e a continuidade

⁹ D. Sebastião tinha a preocupação de escrever para si pensamentos de teor moralista, destinados a guiá-lo. Dentre eles há os seguintes: “*Terey a Deos por fim de todas as minhas cousas, e em todas elas me lembrarey delle*”; “*Trabalharey por dilatar a fé de Cristo, para que se convertão todos os infiéis*” (apud. PIRES, Antônio Machado. **D. Sebastião e o Encoberto**, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1980). Ainda em criança, escreveu em um missal que os jesuítas lhe deram: “*Padres rezem a Deus para que Ele me faça muito casto e muito zeloso para expandir a Fé a todas as partes do mundo*” (apud. BOXER, C.R. **O Império Colonial Português (1415-1825)**, Lisboa, Edições 70, 1981).

¹⁰ CASTRO, Mário de. **À Margem da Questão Sebástica**, Coimbra, Ed. Universidade Livre, 1925.

do Império Romano, assumindo seu papel de herdeiro e garantindo a sucessão, como é dito no próprio Auto através da fala do Diabo.

Mas tanto Aleixo quanto D. Sebastião tinham o firme propósito de permanecerem virgens e castos. Portanto mantêm-se firmes em suas decisões abandonando o país, lançando a todos na mais profunda incerteza e prostração. No Auto, a insegurança e a tristeza geradas pela decisão de Aleixo são claramente manifestas nas falas de Sabina e Aglais. É interessante que esta fala caiba a mulheres, pois ninguém refletiria melhor a situação de Portugal, abandonado, primeiramente, pelos homens que partiam nas grandes navegações e, depois, abandonado por seu próprio Rei. Já se disse que Portugal era, àquela época, um país de velhos e mulheres. Assim, ninguém melhor que elas para chorar por si mesmas e pela situação do país:

Ai de mim, triste, coitada,
mais que quantas são nascidas!
Que farei, desconsolada,
mesquinha, desventurada,
mais que todas afligida?
Rompa-se meu coração,
feneça já minha vida
com mortal tribulação!
Venha minha perdição,
pois minha vida é perdida.
Cubram-se as nuvens de dó,
escureça o Sol e a Lua,
e as trevas de Faraó
descendam sobre mim só,
mesquinha mais que nenhuma.

Aquilo que poderia ser a fala de toda uma nação é expresso pela boca de Aglais que revela a impotência, o abandono e a insegurança daqueles que ficaram. Seu sofrimento é tamanho que chega a contaminar a natureza — as nuvens, o Sol e a Lua. Todos os textos ditos por Aglais ou por Sabina, a partir do momento que tomam conhecimento da partida de Aleixo, têm por função lamentar a situação a que foram relegadas.

Entretanto, em meio a toda esta tristeza surgem falas de esperança, garantindo que Aleixo — da mesma forma que ocorreu com D. Sebastião — não morrerá:

Segundo ouvistes contar
nosso filho não é perdido
que também nós sentiremos
grão pesar em se perder,
pois que nele parte temos,
e mais agora o não vemos
porque o possamos crer,

diz Eufemiano.

Chegam ao Império Romano — bem como ao Reino Português — notícias desencontradas sobre o destino daquele que partiu. O pobre com quem Aleixo trocara as vestes diz tê-lo visto na “Ilha de Ostria”; Sabina recebe notícias do marido através do Diabo, em figura em pobre, que garante que “Aleixo a virá visitar / o mais cedo que puder” e , finalmente, o próprio Aleixo — incógnito — traz informações à família sobre o desaparecido dizendo que “com ele comi e bebi / dormi em Jerusalém”.

Da mesma forma, muitas notícias desencontradas chegaram a Portugal após o desaparecimento de D. Sebastião. Sobre o Rei de Portugal também se disse que estaria em uma ilha, no meio do Atlântico, escondido por forte nevoeiro; outros diziam que ele expiava sua culpa fazendo penitências como um peregrino errante e havia ainda quem afirmasse que ele estava bem próximo, em Portugal, no convento dos capuchos, envergonhado demais para se apresentar.

Apesar de todas estas semelhanças, o **Auto de Santo Aleixo** parece não estimular a crença na volta de D. Sebastião, como que prevendo a ineficácia da esperança no retorno daquele que partiu. Na peça, Aleixo mantém-se incógnito até a morte, quando a revelação de sua identidade já de nada vale, apenas acrescenta ainda mais angústia ao sofrimento dos que estiveram esperando por ele. Mesmo após tomar conhecimento do fato de que conviveram com um Santo, sabendo que ele morreu satisfeito por ter conseguido realizar seus desejos, não se nota qualquer alegria entre os que o conheceram; pelo contrário, aumentam as tristezas, uma vez que até os homens — que haviam se mantido à margem das lamuriações — choram seu infortúnio. A última fala do Imperador parece selar não apenas o destino romano, mas também, e principalmente, o futuro de Portugal:

Império sem sucessor,
como estás desamparado!
Já perdeste toda a flor
quanta a bonança te há dado.
Não cuides de triunfar,
pois perdeste o sucessor
teus triunfos sejam pesar,
tuas alegrias dor.